



BLAEU, Willem. Detalhe do mapa *Americae Nova Tabula*, 1665.

A AMÉRICA DO SUL NO MAPA MURAL DE WILLEM BLAEU DE 1608: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO CONTINENTE

Andréa Doré

Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutorado na Universidade de Harvard. Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná e pesquisadora do Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses (CEDOPE), na mesma instituição. É autora de *Sitiados. Os cercos às fortalezas portuguesas na Índia*, 2010.

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Recebido em 16/03/2015 e aprovado em 17/06/2015.

Este artigo integra pesquisa iniciada em estágio de pós-doutorado realizado na Universidade de Harvard, financiado pelo CNPq e atualmente beneficiada pelo Edital de Ciências Humanas 2014/CNPq.

Resumo

A idade de ouro da cartográfica holandesa que se desenvolveu no final do século XVI e ao longo do século XVII foi a mais rica e criativa na produção de mapas murais, feitos para decorar as paredes de palácios, salas de famílias nobres, bibliotecas de homens de estado ou de ricos comerciantes. Este artigo apresenta alguns aspectos relativos à América do Sul contidos no mapa mural de Willem Jansz Blaeu, de 1608, intitulado *America quarta pars orbis*, considerado um dos mais influentes mapas da América. Interessa especialmente destacar as fontes e as escolhas feitas pelos autores – cartógrafo e gravador – concernentes às representações de homens e mulheres, habitantes naturais da terra, e as cidades já existentes ou inauguradas pelos europeus.

Palavras-chave: cartografia do Novo Mundo. Mapas murais. Willem Blaeu.

Abstract

Dutch cartographic production in its Golden Age, during the end of 16th and 17th century, was the richest and most creative in the production of wall maps, made to decorate the walls of palaces, halls of noble families, statesmen or wealthy merchants libraries. This article presents some aspects concerning South America in Willem Jansz Blaeu's wall map, by 1608, entitled *America quarta pars Orbis*, considered one of the most influential map of America. The main interest is to highlight the choices made by the authors – cartographer and engraver - concerning the representation of men and women, natural inhabitants of the continent, and existing or new created cities.

Keywords: cartography of the New World. Wall maps. Willem Blaeu.

O estudo dos mapas nos leva a considerar não apenas suas informações geográficas, mas entendê-lo como um objeto e como um discurso retórico capaz de atrair e nutrir o leitor por meio de todos os seus elementos (HARLEY, 2005). As ornamentações, cartuchos, ilustrações, textos explicativos e legendas são indicativos das seleções e hierarquizações feitas pelo cartógrafo, pelo gravador, pelo impressor ou pelo autor da encomenda

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

do produto cartográfico e, igualmente, das imagens acessíveis quando da feitura do mapa. A produção cartográfica holandesa, que teve sua idade de ouro a partir da segunda metade do século XVI e durante todo o século XVII foi a mais rica e criativa na produção de mapas murais (*wall maps*), feitos para decorar as paredes de palácios, salas de famílias nobres, bibliotecas de homens de Estado ou de ricos comerciantes. A arte expressa em todos os elementos desses mapas se conjuga ao interesse de conhecer o mundo e suas oportunidades de enriquecimento (ALPER, 1999)¹.

A incansável reprodução do quadro *A arte da pintura*, do holandês Jan Vermeer (1632-1675), faz com que esta obra seja também responsável pela grande difusão de um mapa mural. Essa pintura do artista, e toda sua obra de forma mais ampla, é um indicativo da popularidade que a cartografia possuía nos Países Baixos. Em vários quadros de Vermeer, que retratam situações cotidianas, há mapas murais, como em *Oficial e moça sorridente* (1657), *Mulher de azul lendo uma carta* (1662-64), *A carta de amor* (1670), *Moça com pichel de água* (1662), *Mulher com alaúde*, 1662-64), *O Geógrafo* (1668-69) e *O Astrônomo* (1668). Em mais de uma dessas pinturas, o mapa que serve de fonte ao pintor foi produzido no atelier do cartógrafo Willem Blaeu (WELU, 1975).

O primeiro mapa com bordas decoradas apareceu nos Países Baixos, do sul, em Antuérpia, cidade que foi ao longo do século XVI o centro da produção e comércio de mapas, seguramente até 1585, quando o conflito entre as Províncias Unidas e o Império Habsburgo de Espanha a transformou num baluarte da Contrarreforma e expulsou capitais e homens de letras protestantes (NAVE, 2014). Amsterdam a sucederia como principal cidade nesta atividade. Gerard Mercator produziu em Antuérpia, em 1537, um mapa da Terra Santa, o mais antigo mapa mural holandês com bordas decoradas (SCHILDER, 1990, p.115). A produção do gênero é muito vasta e

¹ A bibliografia sobre as relações entre o conhecimento cartográfico e a expansão comercial é bastante extensa. Para uma análise específica do caso holandês, ver Benjamin Schmidt (1997).

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

diversificada, e ainda se supõe que um grande número de mapas não resistiu ao tempo e à exposição que a sua função como mapas que deveriam estar presos às paredes, à vista de todos, lhes impôs.

Este artigo apresenta alguns aspectos de um desses mapas, considerado um dos mais influentes mapas da América, do qual se dará maior atenção à representação da América do Sul. *America quarta pars Orbis* foi impresso em Amsterdam, em 1608, de autoria de Blaeu, nome com o qual Willem Jansz (1571-1638) assinaria seus trabalhos a partir de 1621 (BURDEN, 1996, p.192). Esse mapa integra um conjunto em que o cartógrafo retrata os quatro continentes – Europa, África, Ásia e América - seguindo um mesmo padrão, por meio da inclusão de vistas de cidades e cenas com habitantes das várias regiões cartografadas. Participaram da feitura do mapa da América vários profissionais cujos nomes aparecem em muitas outras produções cartográficas do período, o que indica não só a circulação desses artistas por diferentes ateliês como a reutilização das placas de cobre em que passaram a ser gravadas as ilustrações e os mapas, sobretudo após 1555, com as atividades da oficina de Christophe Plantin, em Antuérpia (NAVE, 2014, p.38-39). Uma ilustração, gravada inicialmente para um mapa específico, podia ser sucessivamente inserida em outros mapas. Josua van den Ende foi o gravador da imagem do mapa da América e Hessel Gerritsz das imagens das bordas decorativas e de várias outras figuras contidas no próprio mapa².

² Para uma análise pormenorizada do conjunto dos mapas dos continentes, ver Gunter Schilder (1996). Sobre a família Blaeu, ver do mesmo autor, Schilder (1995). Muitos elementos desse artigo se baseiam nesses trabalhos e no ensaio de James Walker sobre a versão francesa de 1669, feita por Jaillot, do mapa da América (*Amerique quatrieme partie de Monde*). Neste ensaio se encontram as descrições detalhadas, traduções e comentários de todos os elementos que compõem esse mapa (JAILLLOT, [s.d.]).

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Figura 1



BLAEU/JAILLOT. *Amerique quatrieme partie de Monde...* 1669.

Muitos mapas foram feitos com base nessa obra de 1608 ao longo do século XVII e ainda se encontram cópias e versões no século XVIII, em que são incluídas as mesmas representações de vistas de cidades e de grupos de pessoas inseridas por Blaeu e seus colaboradores, sem renovação das imagens, ou incorporação de outras, mas realizando cortes ou supressões. Em 1669 houve uma versão francesa, de autoria de Hubert Jaillot, em que as inscrições em latim e os topônimos foram traduzidos para o francês. Fazemos uso, em boa parte, dessa versão do mapa e da análise que dele fez James Walker. O mapa contém numerosas ilustrações, animais e monstros marinhos, barcos de vários tipos e tamanhos, figuras mitológicas, referências

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

etnográficas, como práticas canibais e os *Patagones* na América do Sul³.

Além de alguns aspectos da história do documento, interessa aqui destacar as fontes utilizadas e as escolhas feitas para a representação de homens e mulheres, habitantes naturais da terra e das cidades já existentes ou recém fundadas pelos europeus na América do Sul. São, assim, privilegiadas as faixas decoradas que emolduram o mapa.

A borda decorada com vistas de cidades ocupa a margem inferior na edição de 1608, mas pode ocupar a margem superior em outras versões. Ao todo são doze vistas em perspectiva “voo de pássaro”, também chamada perspectiva militar ou aérea. Em muitas versões posteriores, são inseridas apenas nove imagens. Da porção setentrional do continente são retratadas três localidades. A primeira é Pomeiooc, na região da Virgínia, onde os espanhóis chegaram em 1513. A representação, que retrata a povoação indígena, tem sua origem no trabalho do artista inglês John White que viajou em 1585 com os primeiros exploradores ingleses. Suas pinturas foram depois publicadas com o relato de Thomas Harriot, sobre a Virgínia, em 1588 e copiadas no volume *America*, da obra *Grandes Voyages*, de Théodore De Bry. Esta publicação, de imensa repercussão e várias edições em diferentes idiomas europeus, está na origem, como se verá, de várias ilustrações inseridas no mapa⁴.

É o caso da segunda imagem, a do Forte Carolina, assim nomeado em homenagem ao rei francês Carlos IX, construído pelos huguenotes em sua segunda expedição ao Novo Mundo, de 1564. O objetivo da expedição, comandada por René Goulaine de Laudonnière, era estabelecer uma base francesa na costa do território conhecido como La Florida, pelos espanhóis,

³ A edição de 1608 é raríssima. A Biblioteca do Congresso, de Washington, possui um exemplar dessa edição dos mapas da América e África, analisados em Walter Ristow (1967). Para efeito deste artigo e melhor visualização das imagens, utilizo detalhes da edição de Jaillot, de 1669.

⁴ Para mais informações sobre as fontes das imagens, ver o ensaio de James Walker, citado acima. Sobre a importância da obra de De Bry, sua produção e repercussão, ver Gloria Deák (1992); Stefan Lorant (1965) e Michiel Van Groesen (2008).

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

mais ao norte das posições espanholas. A partir dali penetrariam pelo território em busca de ouro e prata. Fez parte desta expedição o artista Jacques Le Moyne de Morgues, encarregado de mapear o litoral e produzir gravuras sobre os habitantes.

E também da terceira imagem, de St. Augustin, na Flórida, fundada pelos espanhóis em 1565, com a chegada de Pedro Menéndez de Avilés. O rei Filipe II assegurou a Menéndez permissão para fundar e governar uma colônia, *La Florida*, uma tarefa que poderia ser completada apenas depois da destruição do estabelecimento francês do Forte Carolina. Assim que chegou à costa nordeste da atual Flórida, Menéndez se refugiou entre os índios Timucua e fortificou a vila indígena para se prevenir de ataques franceses. Os relatos franceses indicam que logo os espanhóis construíram sua própria povoação, provavelmente adaptando o traçado de outras cidades construídas no Novo Mundo. Com algum auxílio dos índios Timucua, os espanhóis realizaram um ataque surpresa ao forte francês e puseram fim à presença francesa na Flórida (CHANEY; DEAGAN, 1989, p. 166-167). A vista utilizada por Blaeu tem sua origem em um mapa de Giovanni Baptista Boazio, cartógrafo que acompanhou as investidas do corsário Francis Drake a várias praças espanholas na América do Sul e Caribe em 1586. Os mapas produzidos nesta viagem foram depois publicados por Theodore de Bry, junto com o relato de Drake. Além do mapa de St. Augustin, Blaeu, em sua coleção de vistas de cidades, utilizou com base em Boazio-De Bry, as vistas de Santo Domingo, de Havana e de Cartagena.

Da parte central da América são representadas as cidades de Havana, São Domingo e a cidade do México. Enquanto as duas primeiras provêm dos mapas de Boazio-De Bry, a da cidade do México origina-se da primeira representação de uma cidade do Novo Mundo publicada na Europa, que integrou cópias da carta de Fernão Cortez enviada ao imperador Carlos V em 1524, relatando o ataque a Tenochtitlan. Esse primeiro mapa, com algumas modificações, como a supressão de referência

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

a sacrifícios humanos, foi refeito em Veneza em 1528, por Benedetto Bordone que, por sua vez, foi a base para a inserção do México na obra *Civitates Orbis Terrarum*. Esta imensa coleção de vistas de cidades dos quatro continentes então conhecidos dos europeus, de autoria de Georg Braun e Frans Hogengerg, contém 546 vistas e planos distribuídos em seis volumes, publicados entre 1572 e 1617.

Da América do Sul advém as outras seis imagens. Cartagena, na costa do Pacífico, foi fundada pelos espanhóis, em 1533. Do ataque realizado por Francis Drake em 1586 surgiu a ilustração de Boazio que De Bry popularizou e foi depois utilizada por Blaeu.

Cusco, a imagem seguinte, capital do império inca, é descrita desde os momentos iniciais da presença espanhola e está presente já no primeiro testemunho da conquista do Peru pelas tropas de Francisco Pizarro, de autoria de Francisco de Jerez, intitulado *Verdadeira relación de la Conquista del Peru y Provincia del Cuzco*, publicada em Sevilha, em 1534⁵. A fonte que Blaeu utilizou para a inserção de Cusco em seu mapa foi a mesma da cidade do México, a obra *Civitates Orbis Terrarum*.

A representação de Potosi tem sua origem na primeira ilustração da montanha de prata que chegou aos europeus: a xilogravura “Cerro de Potosí”, publicada na *Primera parte de la crónica de la conquista de Perú*, de Pedro Cieza de León, editada em Sevilla em 1553. Essa imagem serviu de base para mapas e cosmografias durante mais de 200 anos e sua presença no mapa pode ser interpretada como uma evidência do papel de fornecedora de metais preciosos desempenhado pela América no conjunto dos interesses europeus. Em vários mapas produzidos na França e na Holanda ao longo dos séculos XVI e XVII, a ilustração que serve de fonte continua sendo a de Cieza de León, mas a publicação da imagem, com inserção de outros detalhes, pelo editor Arnaldus Montanus incentivou a sua circulação. Esse teólogo e historiador holandês publicou em 1671, em

⁵ No ano seguinte a obra já havia sido traduzida para o italiano (XEREZ, 1535).

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Amsterdam, uma obra traduzida no mesmo ano para o inglês pelo editor e cartógrafo, John Ogilby, *America being an accurate description of the New World*, contendo 120 ilustrações, sendo um mapa da América, outros dezenove mapas corográficos, seis figuras de personagens, 35 vistas de portos ou cidades e 59 ilustrações, com cenas indígenas, danças, canibalismo, ídolos e sacrifícios, batalhas entre europeus e indígenas, entre portugueses e holandeses, e imagens da fauna e flora, cultivo de mandioca, beneficiamento do cacau, engenhos de cana-de-açúcar⁶.

Seguindo essa mesma linha de análise, pode-se considerar o nome dado ao oceano que banha a costa ocidental da América do Sul. Em letras maiores está o MAR DEL ZUR, mais ao sul, *Mare pacificum*, e bem próximo à costa, *oceanus Peruvianus*; diferentes nomenclaturas que marcam um período de imprecisão – e de indecisão por parte dos cartógrafos – frente às sucessivas explorações e descobertas. A referência ao Peru para nomear o oceano integra, por sua vez, esse mesmo contexto em que o interesse europeu sobre o continente se fixa na possibilidade de obtenção de metais. As ricas minas de ouro, na região noroeste, e de prata, sintetizada pela montanha de Potosi, levam a nomear o mar pela porção mais importante das terras adjacentes, como ensinavam então os cosmógrafos⁷. Desde os anos 1580 e até avançado o século XVII, em vários mapas holandeses o Peru serve também de referência para nomear todo o continente sul-americano, seja pela forma *America Peruana*, ou *Peruviana*, seja simplesmente pela *Peruana* ou *Peru*.

Nesse sentido, as referências às Terras do Brasil se devem, não às riquezas potenciais, mas a dois fatores possíveis. O primeiro seria pelos portos

⁶ As representações de Potosi têm sido abordadas em vários trabalhos, dentre eles: Richard Kagan (1998), traduzido para o inglês em 2000; e Peter John Bakewell (2011; DORÉ, 2014).

⁷ Assim se nomeava *Oceanus Britanicus* ou *Mare Germanicum*. O nome poderia vir ainda do seu descobridor, como *Fretum* (estreita passagem de mar) *Magellanicum*, ou por algum acidente, como o *Mar vermelho*, porque “suas areias são vermelhas”. A explicação está em ABBOT, George Abbot (1600, fl. 2).

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

do Oceano Atlântico que o seu litoral abriga. Isso justifica a presença da imagem do Rio de Janeiro, mas faz estranhar a ausência de Salvador, mais antigo e escala tão frequente quanto a do sul. Considera-se, então, um segundo fator: a existência de imagens disponíveis ao cartógrafo. No caso da imagem de Olinda, em Pernambuco, sua fonte não foi ainda claramente identificada pelos estudiosos. O mapa foi produzido antes das invasões holandesas, o que nos impede de considerar o grande volume de imagens produzidas por artistas e cartógrafos holandeses durante a presença em Pernambuco, de 1630 a 1654, como fontes de Blaeu. Já a fonte para a imagem do Rio de Janeiro foi, segundo Gunter Schilder, resultante da passagem do comandante holandês Olivier van Noort, em 1599, quando da viagem de retorno de sua circum-navegação do globo. Seu relato, *Description du pénible voyage fait entour de l'univers ou globe terrestre*, foi publicado em 1602, contendo ilustrações e uma vista da cidade da qual se utilizou Blaeu, promovendo simplificações.

A escolha das cidades a representar, privilegiam também a ação europeia no continente. Pomeiooc, Cusco, México e Ilha de La Moche são quatro povoações ou cidades pré-existentes à chegada dos europeus na América. Todas as demais trazem topônimos atribuídos pelos europeus e retratam edificações – fortes e portos, principalmente – construídas pelos conquistadores. Mesmo considerando-se igualmente o acesso às imagens como um fator importante, ainda assim, se o autor do mapa realizou escolhas a partir das representações disponíveis, estas, por sua vez, resultaram de uma seleção inicial feita pelo viajante ou autor do relato.

Nas margens esquerda e direita, há oito representações de grupos humanos de cada lado, associados aos espaços atingidos pelos europeus ao longo do século XVI. Na coluna da esquerda, têm-se uma figura de habitantes da Groenlândia; as três imagens abaixo trazem diferentes grupos da Virgínia; a imagem seguinte, de “soldados da Flórida”; depois imagens do “rei e rainha da Flórida”; “rei” da ilha Hispaniola; e um grupo em torno do rei

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

da Nouvelle Albion (Nova Inglaterra). A obra de De Bry é aqui também a principal fonte, mesmo que em vários casos sejam reproduções contidas em relatos publicados anteriormente.

A coluna da direita diz respeito aos habitantes da América do Sul. No alto, a primeira imagem é dos “mexicanos”, cuja fonte é desconhecida. Em seguida, dois homens sob a legenda “Peruviani”.

As três imagens seguintes são relativas ao Brasil. A primeira traz a legenda “uma mulher do Brasil [*Brasiliana*] deitada em uma cama suspensa”; a segunda, “Os brasileiros indo à guerra”; e a terceira: “As mulheres do Brasil indo trabalhar”. A fonte dessas imagens são os relatos de Hans Staden e de Jean de Léry, que tiveram grande divulgação após a publicação por Theodore De Bry, a partir de 1593. Os relatos desses dois autores, junto com o de André Thevet, foram até o avançado do século XVIII, as principais fontes para as representações imagéticas ou literárias sobre as Terras do Brasil. Staden relatou seu período de cativo entre os tupinambás, publicado pela primeira vez em 1557. O huguenote André Thévet publicou seu *Les Singularités de la France Antarctique* em Antuérpia, em 1558, e Jean de Léry publicou, em 1578, *Histoire d'un voyage en terre du Brésil*.⁸ As três imagens contidas no mapa, com cenas cotidianas, provavelmente observadas por Hans Staden, curiosamente não incluem cenas de canibalismo, referência sempre presente nas menções ao Brasil. Conforme analisa James Walker, ilustrações de canibalismo estão presentes no interior do mapa de Blaeu, mas a inserção de outras atividades indígenas às margens do mapa serviria para lembrar ao leitor que a América podia ser um lugar, ao mesmo tempo, “potencialmente tranquilo e mortal”⁹.

Depois das referências aos habitantes do Brasil, há uma ilustração com um casal da Ilha de la Moche, no Chile e uma imagem dos habitantes da

⁸ Os estudos sobre as representações dos canibais no Brasil utilizam como fontes primordiais relatos de viajantes e mapas. Ver principalmente Frank Lestringant (1997); Zinka Ziebel (2002); Shureka Davies (2012) e Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona (2010).

⁹ Descrição da imagem feita por James Walker (s.d.).

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Patagônia, os "Patagones do estreito de Magalhães", e uma última representação, dos "habitantes do estreito de Magalhães, com um casal e duas crianças. As fontes identificadas dessas representações são os relatos das viagens de holandeses ao Estreito, realizadas entre 1598 e 1601 e relatadas por um dos comandantes, Sebald de Weert.

Ao longo do século XVII essas figuras de cidades e de habitantes vão se repetir em vários outros mapas. Jodocus Hondius, que continuou a publicação do Atlas cosmográfico de Gerard Mercador, em seu *America noviter delineata*, impresso em Amsterdam em 1618, utiliza as mesmas figuras e divide as vistas de cidades, na margem superior e inferior do mapa. Alguns anos depois, em 1623, Joannes Janson publicou o mesmo mapa, mas suprimiu a margem inferior e as figuras nas laterais estão invertidas. O mapa foi em seguida, em 1626, publicado na Inglaterra, por John Speed, *America with those known parts in that unknowne worlde both people and manner of buildings*. Seu mapa se baseia em Hondius, de 1618, mas com algumas adaptações. Não há a borda com as cidades na margem inferior. No alto, as vistas de cidades trazem Havana, S. Domingo, Cartagena, México, Cusco, La Mocha, Rio de Janeiro e Olinda, com a supressão das representações de Pomeiooc, Carolina, S. Augustin e Potosi. Speed também cortou os personagens nas laterais e deixou apenas um indivíduo em cada grupo.

Nesta mesma tradição está o mapa de Pieter van den Keere, *America Nova Descriptio*, de 1614. Este é o primeiro mapa da América em uma única folha com margens decoradas. Pieter van den Keere chegou a Londres em 1584 como refugiado religioso com 13 anos e sua irmã se casou com Jodocus Hondius, naquele momento também em Londres, com quem trabalhou até 1593, quando então voltou a se estabelecer em Amsterdam. Van den Keere contratou Abraham Goos, seu sobrinho, para gravar seu mapa, mais uma vez baseado no mapa mural de Blaeu de 1608 (BURDEN, c.1996, p.221).

O mapa original contém ainda quatro cartuchos explicativos e várias

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

legendas no interior das massas de terra. A inserção de cartuchos nos mapas foi uma invenção dos maneiristas italianos, adotada e popularizada por cartógrafos como Abraham Ortelius, e sobretudo por Blaeu e Joannes Janson¹⁰. O cartucho localizado no canto inferior direito do mapa de Blaeu intitula-se *America* e traz várias informações, na forma de texto e em imagens. O cartucho é emoldurado por duas figuras que têm o olhar voltado para o continente: Cristóvão Colombo, que segura uma balestilha e Américo Vespúcio, que tem nas mãos um compasso e um astrolábio. Abaixo, há quatro bustos, com o nome dos quatro navegadores que haviam realizado a circum-navegação do globo: Fernão de Magalhães, Francis Drake, Thomas Cavendish e Oliver van Noort. Como legenda traz: "Efígies dos quatro heróis do mar que fizeram a volta ao mundo passando pelo Estreito de Magalhães".

Um outro cartucho contém explicações sobre um mapa menor, inserido no canto inferior esquerdo do grande mapa retratando o Estreito de Magalhães e a Terra de Magalhães, que o texto menciona como ainda não conhecida. O terceiro cartucho é acompanhado de uma representação geométrica do globo terrestre, com a linha do Equador, duas perpendiculares e uma demonstração da forma como calcular as distâncias.

*

O estudo do mapa de Willem Blaeu, apontando-se algumas de suas principais apropriações – aquelas que lhe deram forma assim como aquelas que dele resultaram – porém evitando penetrar no labirinto das cópias, das diferentes versões e edições, permite acessar facetas do mundo contemporâneo ao contexto da conquista e colonização da América pelos

¹⁰ Para uma definição e o conteúdo dos cartuchos, ver François de Dainville (1964, p. 64). Para o século XVIII, há indicações bastante precisas quanto à composição dos cartuchos, conforme explicitado em Márcia Maria Duarte dos Santos (2007, p. 53-55).

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

européus. As imagens contidas nos mapas resultam da projeção de uma forma de ver o mundo que se desenvolve na Europa ocidental e que os estudos da história da arte estão mais autorizados para analisar. Do ponto de vista historiográfico, o mapa indica a intensa circulação dos relatos de viagem sobre o Novo Mundo e a recorrência de determinadas fontes. Neste caso, alguns documentos serviram de antologia sobre a América: as obras de Richard Hakluyt e, no plano iconográfico, a de Théodore de Bry. À obra de Hakluyt atribui-se uma virada geográfica nos escritos históricos, quando das crônicas dinásticas se passa para o registro e divulgação de descobridores e aventureiros (ARMITAGE, 1995, p.56).¹¹ A de De Bry, como se viu, formatou o Novo Mundo para os olhos europeus.

Verifica-se, ainda, outro gênero de circulação: a dos gravuristas e cartógrafos e suas placas de cobre. Os indivíduos circulavam pelas famílias e pelos ateliês e tipografias, em que também se editavam as mesmas coleções de relatos de viagem, cosmografias e mapas. Num plano mais amplo, o mapa apresentado, como integrante da florescente e quase hegemônica produção holandesa, pode ainda ser analisado no interior dos projetos imperiais. Como afirma Eddy Stols, “livros, estampas e mapas flamengos contribuíram para aprofundar e assegurar a durabilidade da presença portuguesa no ultramar” (2014, p.57). Seguindo o que o próprio autor desenvolve ao longo de seu trabalho, tanto a presença portuguesa como a espanhola, seguramente.

Nas representações veiculadas vê-se ainda um desejo de “domesticar” o Novo Mundo, torná-lo próprio para a Europa. As escolhas iniciais feitas por Blaeu, mesmo que não possam ser claramente decifradas, sugerem algumas interpretações. As diferentes partes da América são representadas sem, no entanto, serem entendidas como espaços dissociados: tanto os habitantes da Groenlândia, quanto os Patagones são

¹¹ A primeira edição da coleção de Hakluyt, *Principall Navigations... of the English Nation* data de 1589.

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

entendidos como pertencentes à América. Os estudos sobre a forma como os europeus unificaram a América, apagando sua inconciliável heterogeneidade, tendem a concluir que desde a chegada de Colombo e ao longo dos séculos XVI e XVII ocorreu uma invenção ou construção da América por parte dos europeus¹². A imagem da América como uma “entidade geográfica única” seria, na análise de Eviatar Zerubavel, “resultado de uma ativa construção mental”. “Como o caso da Europa e Ásia indicam claramente, continentes são produtos de um criativo ato de formação conceitual, mais do que de descoberta de agrupamentos naturais que já existem ‘lá’”. Para esse autor, a Europa não chegou simplesmente a ‘perceber’ que a América é uma identidade singular. Se ela é com frequência vista dessa forma hoje, é somente porque passou a ser assim definida pela Europa” (1992, p.39-41)¹³, por meio de um processo para o qual o mapa de Blaeu e seus derivados muito contribuíram.

Referências

ABBOT, George. *A briefe description of the whole worlde*. London: Printed by R. B[raddock] for Iohn Browne, 1600.

ALPER, Svetlana. O impulso cartográfico na arte holandesa. In: *A arte de descrever*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 241-318.

ARMITAGE, David. The New World and British Historical thought. From Richard Hakluyt to Willaim Robertson. In: KUPPERMAN, Karen Ordahl (edited by). *America in European Consciousness 1493-1750*. Chapel Hill & London: University of North Caroline Press, 1995.

BAKEWELL, Peter John. Mining Mountains. In: DYM, Jornada; OFFEN, Karl. *Mapping Latin America: a cartographer reader*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2011.

BURDEN, Philip D. *The Mapping of North America: a list of printed maps*. vol. 1, 1511-1670. Rickmansworth: Raleigh Pulications, c. 1996.

¹² A trajetória da “invenção” da América é analisada por Edmund O’Gorman (1992), livro lançado em 1958 pelo historiador mexicano. Ver também RABASA, José Rabasa (1993).

¹³ As aspas são do autor.

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

CHANEY, Edward; DEAGAN, Kathleen. St. Augustine and the La Florida Colony: New Life-Styles in a New World. In: MILANICH, Jerald T.; MILBRATH, Susa (eds.). *First Encounters. Spanish Explorations in the Caribbean and the United States, 1492-1570*. Gainesville: University of Florida Press, 1989.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Canibais do Brasil: os açougues de Fries, Holbein e Münster (Século XVI). *Tempo*, v. 28, p. 165-192, 2010.

DAINVILLE, François de. *Le langage des géographes*. Paris: Editions Picard, 1964.

DAVIES, Shureka. Depictions of Brazilians on French Maps, 1542-1555. *The Historical Journal*, v. 55. Issue 2, p. 317-348, jun. 2012.

DEÁK, Gloria. *Discovering America's Southeast. A sixteenth Century View Based on the Mannerist Engravings of Theodore de Bry*. Birmingham Public Library Press, 1992.

DORÉ, Andréa. America Peruana e Oceanus Peruvianus: uma outra cartografia para o Novo Mundo. *Tempo*, Niterói, v. 20, n. 36, p. 1-22, 2014.

HARLEY, J. B. *La nueva naturaleza de los mapas. Ensayos sobre la historia de la cartografía*. México: FCE, 2005.

JAILOT. *Amerique quatrieme partie de Monde...1669. The age of exploration: digital maps collection*. [s.d.]. Disponível em: http://exploration.uoregon.edu/mapa_single_intro.lasso?&mapaid=blaeu_j. Acesso em: 12 jun. 2015.

KAGAN, Richard (con la colaboración de Fernando Marías). *Imágenes urbanas del mundo hispánico 1493-1780*. Iderbrola, 1998.

LESTRINGANT, Frank. *O canibal. Grandeza e decadência*. Brasília: Editora da UnB, 1997.

LORANT, Stefan (edited and annotated by). *The New World. The first pictures of America. Made by John White and Jacques Le Moyne and engraved by Theodore de Bry*. 2. ed. New York: Duell, Sloan and Pearce, 1965.

NAVE, Francine de. Antuérpia como centro tipográfico do mundo ibérico (séculos XVI-XVII). In: THOMAS, Werner et. al. (Orgs.). *Um mundo sobre papel. Livros, gravuras e impressos flamengos nos Impérios Português e Espanhol (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo; Belo Horizonte: Edusp; Editora UFMG, 2014. p. 31-56.

O'GORMAN, Edmund. *A invenção da América. Reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo:

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

UNESP, 1992.

RABASA, José. *Inventing America*. Spanish Historiography and the Formation of Eurocentrism. Norman and London: University of Oklahoma Press, 1993.

RISTOW, Walter W. Seventeenth Century Wall Maps of America and Africa. *The Quarterly Journal of the Library of Congress*, v. 24, n. 1, p. 2-17, 1967.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Técnica e elementos da cartografia da América Portuguesa e do Brasil Império. In: COSTA, Antônio Roberto (Org.). *Roteiro Prático de cartografia: da América Portuguesa ao Brasil Império*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 53-55.

SCHILDER, Günter. Los Blaeu, una familia de cartógrafos y editores de mapas en el Amsterdam del Siglo de Oro. In: *De Mercator a Blaeu, España y la edad de oro de la cartografía en las diecisiete provincias de los Países Bajos*. Madrid: Fundación Carlos de Amberes, 1995. p. 73-92.

SCHILDER, Günter. The Development of Decorative Borders on Dutch Wall Maps before 1619. In: *Monumenta Cartographica Neerlandica*. 1990. Vol. III.

SCHILDER, Gunter. Wall maps of the four continents by Willem Jansz. Blaeu (1608). In: *Monumenta Cartographica Neerlandica*. 1996. Vol. III

SCHMIDT, Benjamin. Mapping an Empire: Cartographic and Colonial Rivalry in Seventeenth-Century Dutch and English North America. *The William and Mary Quartely*, v. 54, n. 3, p. 549-578, 1997.

STOLS, Eddy. Livros, gravuras e mapas flamengos nas rotas portuguesas da primeira mundialização. In: THOMAS, Werner et. al. (Orgs.). *Um mundo sobre papel*. Livros, gravuras e impressos flamengos nos Impérios Português e Espanhol (séculos XVI-XVIII). São Paulo; Belo Horizonte: Edusp; Editora UFMG, 2014.

VAN GROSEN, Michiel. *The Representations of the overseas world in the De Bry collection of voyages (1590-1634)*. Leiden; Boston: Brill, 2008.

WALKER, James (descrição do mapa). *The age of exploration: digital maps collection*. [s.d.]. Disponível em: http://exploration.uoregon.edu/mapa_browser.lasso?&mapaid=blaeu_j§ions=no&books=no&mapaSection_identifier=000&mapaSection_label=. Acesso em: 12 jun. 2015.

WELU, James. Vermeer: His Cartographic Sources. *The Art Bulletin*, v. 57, n. 4, p. 529-547, dec. 1975.

DORÉ, Andréa. A América do Sul no mapa mural de Willem Blaeu de 1608: contribuições para a construção do continente. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 26-42, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

XEREZ, Francisco de. *Libro primo de la conquista del Peru & provincial del Cuzco de la Indie occidental*. Venice: S. dei Nicolini da Sabbio, 1535.

ZERUBAVEL, Eviatar. *Terra Cognita. The mental discovery of America*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1992. p. 39-41.

ZIEBELL, Zinka. *Terra de canibais*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.